

O Século dos Prodígios

A Ciência no Portugal da Expansão

Índice

<i>Introdução — ou de como surgiu este livro</i>	15
--	----

I PARTE

UMA CRÍTICA RETROSPETIVA PARA PORTUGUESES

Portugal e a primeira revolução científica — uma primeira abordagem (para portugueses)	35
---	----

II PARTE

UMA REVISITAÇÃO SERENA PARA PORTUGUESES

E NÃO-PORTUGUESES

Um lugar de direito na narrativa histórica (para não-portugueses)	83
Os Descobrimentos portugueses e o dealbar da modernidade — uma revisitação abrangente	99
«Experiência a madre das cousas» — insistindo na busca da origem da expressão	129
A difusão da ideia de experiência (até ao século XVI)	149
O moderno D. João de Castro	183
Camões e a sua notável modernidade	209

Francisco Sanches — um elo perdido entre Descobrimientos e modernidade	227
De Zurara a Francis Bacon — conhecimento e poder, ciência e tecnologia	239
Vasco da Gama e os supostos cristãos da Índia — um equívoco equivocado?	251

III PARTE

DA VANGUARDA À RETAGUARDA: UMA REFLEXÃO PARA PORTUGUESES

Sant'Anna Dionísio e o seu <i>A Não-Cooperação da Inteligência Ibérica na Criação da Ciência</i> — uma releitura	275
---	-----

APÊNDICES

Plutarco e as ilhas Satanazes do mapa de 1424	311
Conversa sobre Luís de Albuquerque	321
Sobre a aurora da modernidade	329
<i>Agradecimentos</i>	337
<i>Proveniência dos textos</i>	339
<i>Bibliografia</i>	345
<i>Índice onomástico</i>	375
<i>Índice analítico</i>	385

Introdução — ou de como surgiu este livro



NADA COMO COMEÇAR PELO PRINCÍPIO e entrar no porquê de um livro, para mais com um título politicamente incorreto. Como só no final da leitura espero que fique cabalmente entendido o significado deste, cingir-me-ei à explicação do volume em si, particularmente para os leitores que, tendo algum conhecimento de ensaios meus anteriores, sejam apanhados de surpresa com estes textos sobre a ciência no período da Expansão europeia, o dos Descobrimientos portugueses dos séculos XV e XVI.

A experiência da diáspora colocou-me desde cedo em situações diversas onde me senti na obrigação de explicar Portugal. Porque em regra não estava preparado para o fazer, não me sobrava outro remédio senão informar-me devidamente. Então mergulhado nos meus seminários de doutoramento em Filosofia, e depois na escrita de uma tese sobre o conceito de ideologia, academicamente deveria estar longe das questões da história da cultura portuguesa. E todavia não estava. Circunstâncias diversas que só cabem numa narrativa biográfica mantiveram-me sempre em dois mundos — num deles, como estudante; no outro, como professor. Na verdade, durante cinco anos, entre 1975 e 1980, fui em simultâneo aluno de doutoramento em Filosofia na Brown University e docente de Estudos Portugueses no então incipiente

Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da mesma universidade. Interessado sobretudo em Epistemologia e Filosofia das Ciências Sociais, fiz também seminários de Sociologia da Ciência e do Conhecimento. Porque em paralelo lecionava um curso sobre Cultura Portuguesa, para responder a interrogações surgidas entre alunos destinados a serem educadores nos programas de ensino bilingue frequentados por crianças recém-emigradas do mundo lusófono, sobretudo de Portugal continental e insular, fui mergulhando nas obras de autores clássicos e nas de interpretação da cultura portuguesa. Cedo me apercebi de alguns temas recorrentes em todos os autores. Eram eles: a questão dos Descobrimentos e o seu papel de mito quase-fundador da pátria, a decadência (ou declínio), os estrangeirados, a Renascença portuguesa e, no fundo, a luta entre as forças que reclamavam para Portugal uma abertura à modernidade e as que insistiam na tradição e num certo modo de ser português. Cedo passei a denominar esse curso «Identidade Nacional», nele incluindo uma revisitação de toda essa problemática, levando os alunos a ler e a confrontar-se com os textos dos melhores autores lusos, desde Camões e Antero de Quental a Fernando Pessoa e Eduardo Lourenço.

Terminada a tese de doutoramento, em finais de 1979, passei a dedicar três quartos do meu tempo letivo aos Estudos Portugueses e à expansão do Centro, mas comecei simultaneamente a levar para fora das aulas os resultados das minhas leituras e investigação, apresentando comunicações em congressos. Por casualidade, o primeiro foi mesmo em 1980, na University of Florida, em Gainesville, num colóquio sobre «Portugal no Tempo de Camões». Escolhi como tema uma leitura crítica dos escritos de Joaquim Barradas de Carvalho, ao tempo figura maior no domínio da História na Universidade de Lisboa, doutorado na Sorbonne, regressado de um longo exílio em França e no Brasil

e com vasta e muito citada obra. Quis o acaso que nesse colóquio estivesse o professor J.S. Silva Dias, autor de, entre outros, *A Política Cultural da Época de D. João III*¹, com quem passei a encontrar-me regularmente nas minhas idas a Lisboa. Nessa minha intervenção fui crítico de J. Barradas de Carvalho, sobretudo em dois aspetos fundamentais: a sua leitura althusseriana da História e a ausência de termos comparativos com o que se passava fora de Portugal, nas suas generalizações sobre o que então se chamava «a prioridade portuguesa» e que Barradas de Carvalho designava por «rutura epistemológica», um termo que na altura ganhou grande circulação nos meios culturais portugueses.

Esse meu texto foi mais tarde lido pela bióloga Maria de Sousa, ao tempo a trabalhar em Nova Iorque, que o passou ao professor Luís de Albuquerque, de quem algum tempo depois recebi um convite para participar num congresso sobre história da ciência em Portugal promovido pela Academia das Ciências de Lisboa, em 1984. Era minha intenção incluir esse ensaio no livro sobre identidade nacional que entretanto submetera à Imprensa Nacional-Casa da Moeda, sob a direção de Vasco Graça Moura. Aceite para publicação, como expliquei em *A Obsessão da Portugalidade*², acabei protelando a sua entrega porque cada secção foi sendo alargada com sucessivos textos apresentados em colóquios diversos dentro e fora de Portugal e Estados Unidos da América. Só recentemente acabaram vindo a público a parte sobre *Fernando Pessoa (Pessoa, Portugal e o Futuro)*³ e esse, atrás citado, *A Obsessão da Portugalidade*. O terceiro da série, que não segue nenhuma ordem especial, é o presente volume.

O texto a que me venho referindo como tendo aberto a sequência de escritos meus sobre a temática da ciência nos Descobrimentos é o que enceta este conjunto de ensaios. Optei por não tocar nele, para além de leves retoques formais, porque ele acaba